

ZAUREA

SAPO DATILOGRAF

1° Vol.

L.COCUZZI

O Sapo Datilógrafo

L.COCUZZI

E então, sua voz sumiu

Ato 1

A cidade de Portela acorda como sempre, buzinas abafadas, passos apressados sobre as ruas de pedra e o som ritmado das máquinas de escrever ressoando pelos prédios administrativos. O céu está acinzentado, como se o sol tivesse preguiça de brilhar.

No quarto andar da empresa Buzzer, entre um mar de datilógrafos barulhentos, um homem magro, de olheiras profundas e nariz vermelho, digita mecanicamente, sem expressar qualquer emoção. Esse é Ferdinand Astuto, um Namhun.

Astuto trabalha em silêncio. Seus colegas trocam piadas, fazem resenhas sobre os jornais e falam mal do governo, das empresas e até mesmo da nova receita de pão da cantina. Mas ele não participa de nada disso. A única vez que abre a boca durante o expediente é para soltar um comentário venenoso, sempre baixo o suficiente para não ser ouvido pelos alvos, mas alto o bastante para satisfazer seu gosto por dizer o que pensa sem criar confusão.

Mas, infelizmente para Astuto, existe uma pessoa que não tolera seu jeito calado:

— ASTUTO, VOCÊ É UMA LESMA! — A voz trovejante do Sr. Balão percorre todo o andar.

O chefe humano surge suando em bicas, suspensórios puxados ao limite, segurando uma pasta tão amassada quanto seu humor. O burburinho das máquinas de escrever diminui por um instante, mas logo os funcionários voltam ao trabalho, fingindo não ouvir.

Astuto continua digitando com precisão.

Balão se aproxima, jogando a pasta sobre a mesa de Astuto com um impacto seco.

— O que é isso aqui?!!

Astuto pisca devagar, observando os papéis sem nenhuma pressa. As folhas estão cheias de erros, carimbos fora do lugar, datas duplicadas, informações desalinhadas.

— Isso aqui tá UM LIXO! De novo, Astuto?!

Astuto não responde. Seus olhos correm pelo papel com calma, como se estivesse absorvendo cada erro com o devido desprezo silencioso.

Balão cerra os punhos, a testa brilhando de suor.

— Se eu tiver que corrigir MAIS UM documento seu antes do recesso, eu JURO que te coloco pra passar as festas de fim de ano trabalhando até a última gota de tinta dessas máquinas!

Astuto apenas assente, dobrando as folhas com cuidado.

Balão se inclina mais, seu rosto vermelho de raiva.

— Isso aqui é incompetência ou provocação?

Astuto apenas dá de ombros, sem alterar sua expressão.

Balão trinca os dentes, pega a pasta de volta e golpeia a mesa com ela, fazendo tudo ali tremer.

— Você tem sorte que eu não tenho tempo pra perder com um idiota! Corrija isso AGORA!

Sem esperar resposta, Balão se afasta, resmungando sobre como nada nessa empresa funciona, como o governo ferra com os empresários, como o mundo está perdido...

Astuto segura a pasta, mas não faz nada de imediato. Seus olhos permitem enxergar tudo com perfeição, mas ele mantém o olhar fixo na máquina de escrever, enquanto seus dedos apertam o papel com força.

Quando o relógio finalmente bate o fim do expediente, ele não perde um segundo. Junta suas coisas, coloca o blazer claro e desgastado sobre os ombros e desaparece do prédio.

Lá fora, a noite já tomou conta de Portela. As lâmpadas amareladas dos postes refletem nas ruas de pedra, iluminando os carros peludos que trafegam pela cidade. A brisa fresca da madrugada sopra pelas frestas entre os prédios.

Astuto puxa o blazer para mais perto do corpo e segue seu caminho.

Seu destino? O Bar Ramo Verde.

2

O Bar Ramo Verde fica espremido entre um prédio administrativo e um armazém abandonado. O letreiro piscante de néon verde pisca como uma vela prestes a apagar. A porta de madeira tem marcas de arranhões e uma maçaneta gasta pelo tempo.

Astuto entra sem hesitar.

Lá dentro, o ambiente é sempre o mesmo: copos tilintando, máquinas de cigarro cuspidando fumaça e um rádio chiando uma música antiga. O ar cheira a álcool barato e tabaco velho.

Os clientes são os de sempre: trabalhadores frustrados, funcionários públicos derrotados, bêbados sem futuro. Nenhum deles olha para Astuto, e ele também não olha para ninguém.

Ele segue direto para o balcão.

O dono do bar, um Namhun de nariz roxo, nem precisa perguntar. Em segundos, empurra um copo de licor espesso para ele.

A primeira dose queima, mas Astuto já está acostumado.

A segunda desce ainda mais fácil.

A terceira ele nem sente.

Lá fora, a cidade segue girando. Lá dentro, o bar desacelera. O tempo ali é um ciclo de copos se enchendo e se esvaziando.

Mas então ele vê.

Uma garrafa diferente.

Ela está na prateleira mais alta, isolada como se ninguém ousasse tocá-la. O vidro tem um tom avermelhado estranho, e o rótulo, desgastado pelo tempo, exibe um nome que não faz sentido.

Astuto inclina a cabeça, encarando o frasco como se ele o encarasse de volta.

O dono do bar segue seu olhar e solta uma risada nasal.

— Ah, essa aí? Ninguém nunca pediu. Dizem que veio de Colossos ou talvez de algum lugar mais longe ainda. Dizem que é forte demais até pros ratos de bar daqui.

Astuto não responde. A garrafa parece chamá-lo.

O dono do bar franze a testa.

— Tem certeza?

Astuto empurra algumas moedas sobre o balcão.

Sem mais perguntas, o dono do bar suspira, puxa a garrafa, e remove a rolha com um estalo seco. O líquido escorre no copo, revelando um tom escuro, quase oleoso.

O cheiro é... peculiar.

Álcool forte, mas com um fundo doce e ácido ao mesmo tempo. Algo que não deveria estar ali.

Astuto segura o copo.

Hesita.

E então bebe.

O sabor é indescritível. A bebida não queima como um licor comum, a garganta formiga e os dentes tremem.

Há uma pressão crescente em sua cabeça, como se algo dentro dele estivesse se contorcendo.

O bar parece mudar.

As luzes ficam mais amareladas, as vozes mais arrastadas. O rádio chia como se estivesse mergulhado na água.

Então, o som desaparece.

Astuto pisca lentamente.

Os clientes ainda estão lá, mexendo os lábios, gesticulando, mas nenhum som sai.

O dono do bar pergunta algo, mas sua voz não chega.

Astuto não consegue ouvi-lo.

Ele leva a mão à garganta.

O pavor sobe como um frio na espinha.

Ele perdeu a voz.

E então... Um som ecoa. Um som estranho, que não vem de nenhum cliente.

— Mas que droga foi essa que você bebeu, hein?

Astuto congela.

O som é claro, nítido, mas não pertence a ninguém no bar.

Ele vira a cabeça, procurando a origem do som. E então vê. Sentado no balcão, bem ao seu lado, um sapo verde, um pouco maior do que um sapo comum. Sua pele é coberta de manchas claras, e seus olhos brilham com uma malícia estranha.

E então ele fala de novo:

— Ih, cara... Agora você se meteu numa encrenca das grandes!



Continua...